



[Atribuição BB CY 4.0](#)

AUTORRETRATO E COSMOAUDIÇÃO: INFÂNCIAS NEGRAS EM AFRO-PERSPECTIVA PARA A ESCUTA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Bianca Cristina da Silva Trindade¹

Gustavo Pinto Alves da Silva²

Maiza da Silva Francisco³

Renato Nogueira⁴

Resumo

Este artigo propõe uma abordagem afroperspectivista da infância como via epistêmica para a escuta das relações étnico-raciais, utilizando o autorretrato como ferramenta metodológica e política. Em contraposição às epistemologias adultocêntricas, argumentamos que o autorretrato – enquanto prática visual e narrativa – configura-se como um ato de escuta sensível, ou melhor, de cosmoaudição, conceito alicerçado na cosmopercepção de Oyeronke Oyewumi. O autorretrato infantil é aqui compreendido como tecnologia de memória, agência

¹ Doutora em Educação pelo PPGEduc/UFRRJ, membro do AFROSIN- UFRRJ, Professora de Arte da Educação Básica na Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro e da SEEDUC. E-mail: biaartes2017@gmail.com

² Doutor em Educação pelo PPGEduc/UFRRJ, membro do AFROSIN- UFRRJ, Professor da Educação Básica na Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: historiadorgustavo@gmail.com

³ Doutora em Educação pelo PPGEduc/UFRRJ, membro do AFROSIN- UFRRJ. E-mail: maizafrancisco@gmail.com

⁴ Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) e coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (Afrosin). E-mail: contatonogueira@gmail.com

e ancestralidade. Partimos do princípio de que a infância – enquanto, condição de movimento – representa uma possibilidade filosófica e política que contribui para o enfrentamento ao racismo institucional e as narrativas eurocentradas sobre o desenvolvimento. A pesquisa com crianças, ao se "infanciar", aproxima-se de um estado de brincadeira e escuta radical, gerando uma "mais-valia de vida". Nesse contexto, o autorretrato transcende o desenho, tornando-se uma forma de autoenunciação, tradução de mundos e reconfiguração de cosmoexistências. Defendemos, por fim, uma metodologia antirracista centrada nas crianças como produtoras de conhecimento, em diálogo com experiências de pesquisa e práticas pedagógicas em contextos escolares.

Palavras-chave

Infância; Autorretrato; Afroperspectiva; Cosmoaudição; Crianças Negras.

Recebido em: 20/05/2025
Aprovado em: 23/07/2025

SELF-PORTRAIT AND COSMOAUDITION: BLACK CHILDHOODS IN AFROPERPECTIVE FOR LISTENING TO ETHNIC-RACIAL RELATIONS

Abstract

This article proposes an Afroperspectivist approach to childhood as an epistemic pathway for listening to ethnic-racial relations, using self-portraiture as both a methodological and political tool. In opposition to adult-centered epistemologies, we argue that the self-portrait—as a visual and narrative practice—constitutes an act of sensitive listening, or rather, *cosmoaudition*, a concept grounded in Oyeronke Oyewumi’s notion of *cosmoperception*. The child’s self-portrait is understood here as a technology of memory, agency, and ancestry. We start from the premise that childhood—as *ndaw*, a condition of movement—represents a philosophical and political possibility that contributes to confronting institutional racism and Eurocentric narratives of development. Research with children, when “childified,” moves closer to a state of play and radical listening, generating a “surplus of life.” In this context, the self-portrait transcends drawing, becoming a form of self-enunciation, a translation of worlds, and a reconfiguration of cosmoexistences. Finally, we advocate for an anti-racist methodology centered on children as knowledge producers, in dialogue with research experiences and pedagogical practices within school settings.

Keywords

Childhood; Self-Portrait; Afroperspective; Cosmoaudition; Black Children.

Se a voz infantil se cala, o autorretrato emerge como um portal para a escuta? Essa é a nossa hipótese. "O que a infância nos ensina?" Essa pergunta, como uma flecha, guia este artigo. Em um mundo que negligência o poder da infância – o poder de brincar, escutar, intuir e dançar –, propomos uma metodologia de pesquisa e escuta que parte das infâncias negras. A escuta aqui transcende o sensível, alcançando o cósmico, onde todos os sentidos – olhos, pele, memória e tambor – ressoam.

Este artigo nasce da inquietação diante das ausências: a ausência da criança negra como sujeito de conhecimento, a ausência de metodologias sensíveis às cosmologias africanas e afro-diaspóricas, a ausência da escuta como prática epistêmica. Nossa proposta é reintegrar essas presenças. A partir da noção de *afroperspectividade* (Noguera, 2019), inspirada pelos *cosmo-sentidos* africanos (Oyewumi, 2017), afirmamos que a infância não é apenas uma fase da vida, mas uma categoria filosófica, uma condição de mundo e um modo de existir. No centro desta reflexão está o autorretrato, entendido aqui como ferramenta metodológica, política e ancestral. Quando uma criança negra se desenha, ela se vê, se reconhece, se enuncia – e, nesse gesto, desafia séculos de silenciamento e epistemicídio. O autorretrato é mais que traço: é território, é tambor, é oralitura. Ao produzir sua própria imagem, a criança participa de um processo de autoinscrição no mundo, construindo narrativas que escapam das molduras coloniais e abrem caminhos para a pluralidade dos saberes.

A ideia de *cosmoaudição*, que fundamenta nossa análise, desloca o olhar para a escuta com o corpo inteiro. Escutar um autorretrato é, portanto, escutar o inaudível: memórias, sonhos, dores, encantamentos e insurgências que atravessam os corpos infantis negros. Essa escuta radical – sinestésica, ancestral e coletiva – é o fio que costura este trabalho.

Dividido em quatro seções principais, este artigo apresenta: (1) a necessidade de infanciarizar a pesquisa, com foco na escuta de todos os sentidos; (2) o autorretrato como prática de reexistência e de resistência ao epistemicídio; (3) a infância como presente ancestral, em diálogo com cosmopercepções africanas; e (4) propostas para uma educação antirracista infanciarizada, em que a criança negra seja reconhecida como sujeito epistêmico e político. Por fim, retomamos o autorretrato como uma tecnologia de futuro: um ato de amor que

reencanta a existência, redesenha a dignidade e reconstrói o mundo em outras cores, outras vozes e outros sentidos.

1. Infancializar a pesquisa: escutar com todos os sentidos

A experiência das crianças, especialmente das crianças negras, exige que estudiosos, ativistas, educadores, pesquisadores e gestores da educação se dediquem a compreender melhor o contexto dessas infâncias.

Isso fica evidente em um estudo publicado na coletânea *Infâncias Negras: Vivências e Lutas por uma Vida Justa*, organizado pelas professoras e pesquisadoras Marlene de Araújo e Nilma Lino Gomes (2023). As pesquisas e abordagens pedagógicas apresentadas pelas autoras neste livro demonstram o desafio e a necessidade urgente de desenvolver práticas educativas e metodologias que permitam às crianças compartilhar suas experiências e construir suas próprias histórias. É fundamental reconhecer que as crianças, especialmente aquelas que vivem em situação de pobreza e vulnerabilidade, possuem um conhecimento profundo sobre sua realidade — mesmo que suas infâncias sejam frequentemente limitadas pela desigualdade. Esse é um fato que os adultos costumam ter dificuldade em admitir.

A pesquisadora Jacqueline Scott (2000) ressalta que a ideia de que crianças podem ser observadas, mas não ouvidas, está completamente equivocada. Dialogar com as crianças nos permite compreender as diversas formas que elas têm de compartilhar, negociar e lidar com as situações do cotidiano. Por isso, mais importante do que analisar o que os adultos fazem com elas é observar o que elas fazem com suas próprias experiências.

Os estudos sobre infância no Brasil têm ganhado destaque por meio de pesquisadoras e pesquisadores como Flávia Rosemberg (1985, 2012), Mighian Nunes (2018), Renato Noguera (2019), Bianca Trindade (2025), Gustavo Silva (2025) e Maiza Francisco (2025), que promovem um movimento que coloca as crianças no centro das discussões. Essa abordagem busca superar a visão de que crianças são apenas incapazes, inocentes e imaturas em relação aos adultos. Além disso, questiona a ideia de que a infância é apenas uma fase a ser rapidamente superada em direção ao mundo adulto.

No vasto campo de estudos da infância, encontramos preocupações em pesquisar com crianças, ouvi-las e reconhecer seus interesses. Nós temos

considerado a etnografia, justamente por permitir compreender experiências que emergem das interações e culturas das crianças — algo nem sempre acessível apenas por meio de entrevistas ou reflexões adultocentradas.

Essa abordagem utiliza múltiplas técnicas de pesquisa e exige que o pesquisador se insira no contexto investigado, vivenciando o mundo das crianças (Silva, 2025). A etnografia, assim, configura-se como recurso metodológico valioso, oferecendo uma estratégia interativa de observação participante. Isso permite captar significados profundos no discurso social de um determinado grupo. Ao estudar a infância, a etnografia possibilita uma aproximação sensível às práticas culturais infantis, permitindo ao pesquisador conhecer as diversas formas de interação e reinterpretação da cultura pelas crianças.

No entanto, é essencial estar atento ao pesquisar com crianças. É preciso escutá-las com calma e enfrentar o desafio de interpretar as diferentes formas que elas têm de expressar emoções, sentimentos, pensamentos e desejos. Essa comunicação vai além da fala: inclui gestos, linguagem corporal, desenhos e brincadeiras. Esse é sempre um grande desafio, especialmente ao se considerar as múltiplas formas de expressão das crianças, como brincar, chorar, rir ou até mesmo se desentender. Momentos de negação e aceitação, gestos e conflitos podem oferecer pistas valiosas para os pesquisadores entenderem as culturas infantis e como elas se relacionam com o mundo ao seu redor. É inegável a importância de aprender a ouvir as crianças como participantes ativos nesse processo.

A afroperspectividade, como prática de produção de conhecimento, exige uma ruptura radical com a lógica colonial, eurocêntrica e adultocêntrica. Em vez de uma “visão de mundo”, propõe-se a cosmopercepção, deslocando o foco do olhar para uma escuta com o corpo inteiro. Oyěwùmí (2017) nos alerta que a visão, como metáfora central do saber ocidental, marginaliza culturas que priorizam outros sentidos — audição, tato, olfato, sonho.

Neste artigo, abordamos o uso do autorretrato na pesquisa com crianças. Consideramos essa prática como uma forma de expressão que ajuda as crianças a desenvolverem sua identidade, suas emoções e a maneira como se percebem. A representatividade negra, nesse contexto, é fundamental para o fortalecimento da autoestima das crianças negras. O autorretrato, assim, se revela como uma ferramenta de cosmoaudição: as crianças não apenas desenhavam suas imagens,

mas também seus ancestrais, desejos, dores e insurgências. Escutar autorretratos é escutar mundos.

2. O Autorretrato como prática de reexistência

O autorretrato, para crianças negras, pode ser um ato de reexistência. Em contextos escolares marcados por estéticas e normas brancas, os autorretratos negros subvertem: cabelos crespos resplandecentes, olhos que desafiam o observador, peles escuras pintadas com as cores do orgulho e da terra.

Essa prática dialoga com a oralitura (Martins, 2021), pois o desenho é frequentemente acompanhado de narrativas orais – memórias familiares, experiências de racismo, histórias de amor, resistência e encantamento. O autorretrato é, portanto, um artefato afropoético, onde oralidade, visualidade e corporeidade se entrelaçam como modos de saber. A cosmopercepção, especialmente a cosmoaudição, emerge como um caminho para acessar essas narrativas.

Nos moldes da oralitura, de acordo com a autora Maria Martins:

O processo não se resume à lógica orgânica, tão cara ao desejo ocidental, mas quiçá a uma contínua dissolução do retórico-discursivo em uma pluralidade de novas resoluções de linguagem e de audiências, em outras dicções e afecções. (Martins, 2021, p. 151).

Neste contexto, pensamos: o que pode uma criança nos ensinar? A ideia de dissolução do retórico-discursivo pode estar ligada principalmente ao modo como as crianças negras constroem suas identidades visuais e também narrativas. O autorretrato, nesse sentido, não seria apenas uma representação fixa, ou mera representação artística, mas um espaço de fala, de experimentação e conhecimento onde múltiplas dicções e afecções emergem.

O “autorretrato é um sub gênero do retrato e pode ser definido como uma imagem representativa da individualidade de seu autor; assim como o retrato genérico, busca revelar particularidades do retratado” (Rauen; Momoli, 2015, p.56). A arte apresentada pode ir além da aparência física e trazer camadas emocionais, culturais e simbólicas, dependendo das intenções do autor e do contexto em que é produzida. Isso reforça sua potência não apenas como um registro visual, mas como um meio de expressão e afirmação de identidade.

As crianças podem ressignificar sua imagem fora dos enquadramentos ocidentais normativos por meio de processos que envolvem experimentação,

agência e pluralidade de referências. No contexto do autorretrato, isso acontece quando elas exploram sua identidade de maneira criativa, afetiva e positiva fora das expectativas impostas por padrões eurocêntricos como as características como pele clara, cabelos lisos e traços finos são historicamente valorizadas nas representações artísticas e midiáticas.

Isso pode gerar um estranhamento ou até uma rejeição da própria imagem nas crianças negras ou indígenas, que podem internalizar a ideia de que seus traços não são "bonitos" ou dignos de serem representados. Portanto, a falta de representatividade negra pode desestimular a expressão subjetiva das crianças, levando-as a tentar corresponder a um modelo externo de "perfeição" em vez de explorar sua própria identidade visual.

A tese *O autorretrato na infância: protagonismo das crianças negras na educação antirracista*, de Bianca Trindade, propõe o autorretrato como uma potente ferramenta de reexistência para crianças negras. Por meio das artes, essa prática pedagógica favorece a expressão identitária e o fortalecimento do pertencimento étnico-racial já na primeira infância, especialmente com crianças a partir de quatro anos de idade. Nesse cenário, o autorretrato não é apenas uma atividade estética, mas uma metodologia que contribui para combater o racismo estrutural e promover a equidade na educação infantil.

E também reforça a importância da efetiva implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, na luta por uma sociedade mais democrática e com justiça social. Com isso, destacamos o papel da educação como espaço de transformação social e afirmação da identidade negra desde os primeiros anos de vida.

As contribuições das crianças para o estudo trazem evidências sobre a importância de combater preconceitos étnico-raciais desde a educação infantil. Dessa maneira, acreditamos que “a constatação da importância da educação de infância como forma privilegiada para o desenvolvimento cognitivo das crianças, e consequentemente como uma ajuda fundamental na preparação para a sua vida futura” (Cardona 1997, p.58). Acreditamos nas crianças, elas são fantásticas ao imaginar e criar. Sendo assim, a arte pode desenvolver as capacidades criadoras, comunicativas, expressivas, críticas e um potencial transformador que pode promover encontros.

Nesse sentido, insistimos em pensar nesses estudos com a metodologia do autorretrato, e principalmente em acreditar na possibilidade de ter uma escola

mais justa e livre de todo preconceito e dominação do racismo. Quando as crianças são incentivadas a contar suas histórias por meio da imagem, elas podem desconstruir estereótipos e produzir autorretratos que refletem suas experiências e subjetividades. Ao utilizar diferentes materiais (pinturas, tintas, colagens, fotografias, texturas), as crianças expandem a noção de autorrepresentação para além do realismo ou da fidelidade à imagem refletida no espelho. Ao terem acesso a diferentes representações visuais (arte afro-brasileira, africana, indígena, expressões populares), as crianças podem construir imagens de si que dialogam com esses repertórios, escapando da centralidade ocidental.

Promover a educação antirracista através da arte é reivindicar uma educação que vá além dos desenhos, registrados em papel, é perceber os traços e riquezas de um aprendizado que faça sentido para as crianças. Ao incentivar as narrativas, pensamos numa formação afrocentrada, política, cultural e cidadã.

Uma vez que, as crianças se vejam através do espelho e explorem os seus corpos, em especial as crianças negras (pretas e pardas) torna-se um importante passo para pensar na representatividade, na cultura afro-brasileira e africana. Na finalidade, da promoção da diversidade e da diferença, ensinando a história e cultura afro-brasileira colocando os povos africanos/afro- diaspóricos como protagonistas.

Na visão afrocêntrica, incentivar o autorretrato é uma forma de estimular a expressão de quem somos. Essas propostas envolvem diferentes aspectos e podem ir além do simples ato de criar ou de adquirir conhecimento. Quando uma criança se autorreflete, ela vai além da sua própria existência, podendo também refletir e desafiar preconceitos e discriminações ligados ao racismo. Para entender melhor essa perspectiva, vamos conversar sobre o artigo "O poder da Infância", de Renato Noguera.

A afroperspectividade é uma maneira de estudar, ler, investigar, pesquisar, filosofar, compor ensaios e sustentar alternativas diante de temas e problemas que a vida nos impõe. Devido ao escopo deste ensaio, não caberá uma longa apresentação do pensamento afroperspectivista; mas, uma sucinta descrição dos seus elementos centrais. A afroperspectividade remete a cosmo-sentidos africanos e pindorâmicos para pensar, sentir o mundo. Por cosmo-sentidos deve-se entender a recusa à tese clássica da cosmovisão, tal como nos apresenta a sociologia nigeriana da etnia iorubá, Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí. A cosmovisão – aqui entendida como visão de mundo – não deixa de ser, conforme Oyěwùmí, uma limitação ocidental. (Noguera, 2019, p. 129)

Concordamos com Noguera (2019), a afroperspectividade opera articulando as possibilidades advindas de todos os sentidos para apresentar o mundo. Sendo assim, essa nos remete a cosmo-sentidos africanos. De modo que não se trata apenas de uma visão de mundo; mas, lançamos mão de outros sentidos para experimentar esse mundo. De acordo com o filósofo, a afroperspectividade pode transbordar os olfatos de mundo, audição de mundo, tato de mundo, paladar de mundo. Daí, numa ação sinestésica, entendemos que o corpo humano tem a capacidade de perceber e controlar o movimento, nas articulações de sentidos do mundo.

Ao articular esses sentidos o autor remete às concepções de Cheik Anta Diop (1963) e Molefi Asante (1987) e nos fez pensar a conexão importante entre as concepções africanas e indígenas de mundo, ao destacar a xenofilia (acolhimento do outro) e na matrifocalidade (centralidade da figura materna) como eixos centrais do pensamento africano, essas podem se destacar como estruturas sociais e filosóficas que desafiam os paradigmas ocidentais, trazendo referências teóricas que sustentam uma visão decolonial.

Essas concepções podem abrir caminhos metodológicos muito ricos para o trabalho com o autorretrato infantil, especialmente no que diz respeito à autonomia da criança na construção de sua própria imagem e ao resgate de referências culturais não hegemônicas. Portanto, desta forma, a oralidade, tão presente nas culturas africanas e indígenas, pode ser incorporada ao processo educativo. Nesse sentido, o autorretrato, de maneira coletiva, cria espaços de troca e pertencimento, em vez de reforçar uma visão individualista da identidade.

Diante dos desafios impostos na educação contemporânea, além das tensões e temáticas que adentram nas escolas, é inevitável não pensar nas crianças negras, principalmente no que diz respeito às questões raciais. Em destaque, aquelas pertencentes à chamada primeira infância. Com elas, prossegue-se nos estudos, na luta e na resistência por uma educação antirracista.

O racismo foi, e continua sendo, justificativa ideológica para associar o domínio colonialista de não-brancos como uma missão civilizadora branca que traz progresso científico e econômico. (Noguera, 2019, p.137) Percebe-se como, há séculos, há luta contra a violência atemporal do racismo, do preconceito, da indiferença social, entre outras linhas de opressão que podem atravessar os corpos e subjetividades negras. Nesse sentido, a metodologia utilizada com as

crianças traz a importância da reflexão de pensar em si de forma positiva, possibilitando o autoconhecimento e a resistência ao racismo.

Diversos estudos, como os de Munanga (2012), Cavalleiro (2003), Gonçalves e Silva (2000), Freire (2017), Hooks (2013), Nilma Lino Gomes (2017), Bazílio e Kramer (2011) e Mighian Nunes (2012), mostram que as ideias racistas — baseadas na ideia de que a população branca é superior e na hegemonia do pensamento e da estética europeia — tiveram um papel importante ao questionar essa visão do racismo na infância.

Assumimos, aqui, o autorretrato como prática de reexistência. Ao acreditar na infância como um lugar possível... E para isso, buscamos a experiência da infância e a infância como experiência, como possibilidades de pensar e criar espaços de respeito e equidade através da arte, buscando a identidade positiva para crianças negras através do autorretrato. Vejamos, aqui, um momento de criação de um autorretrato (imagens da tese — “O Autorretrato na Infância” de Bianca Trindade. Extraída da página 91).

O autorretrato de K. (Arquivo Pessoal, 2024)



Ao observar a imagem, defendemos que o lugar de abordagem do mundo é culturalmente constituído. Fundamentamos em menções aos estudos de Oyeronke Oyewumi (1997) no qual ela fala em: visão de mundo; quando apresenta diferenças culturais. No artigo *Exu, a infância e o tempo: zonas de emergência de infância (ZEI)* encontramos a formulação do cosmopaladar.

O paladar de mundo iorubá presente na narrativa que apresenta uma face de Exu tem cinco elementos constitutivos do sabor: o amargo, o azedo, o salgado, o doce e o umami — o sabor delicioso experimentado com os demais sentidos: audição, olfato, tato e visão. Nesse caso, quando ouvimos o frigar da panela (audição), sentimos o aroma da cozinha (olfato), avistamos um prato bonito (visão) ou pegamos a comida com as

mãos (tato) e comemos, estamos vivenciando umami, mesmo que o paladar identifique outro sabor. (Noguera; Alves, 2020, p.5)

Nós estamos diante de uma anatomia filosófica da gustação, onde temos: doce, salgado, ácido (azedo), amargo e umami. E, a partir do momento que são experimentadas, surgem as percepções e as modalidades do gosto. O gosto pode ser composto por muitos detalhes, por isso temos de ensinar a comer e tudo na infância deve vir primeiro, a infância é etapa de experimentações e de descobertas. Principalmente, o desejo de viver. Segundo os pesquisadores da infância como Manuel Sarmiento (2004) e Willian Corsaro (2011), o passado e o presente, assim como o futuro, são experiências e, portanto, não deixam de ser narrativas.

Em nossas incursões na escola, conseguimos perceber o quanto o autorretrato pode ser uma ferramenta importante para a educação antirracista. A afirmação de Merleau-Ponty (1999, p. 19) de que "nossa experiência é a experiência de um mundo", ressalta que não vivemos isolados, mas em constante interação com o ambiente, as pessoas e as estruturas sociais que nos cercam. Isso significa que a educação não pode ser dissociada das questões sociais, políticas e culturais que influenciam a vida das crianças. Projetos emancipatórios, como os mencionados por Nilma Lino Gomes (2017), são essenciais para criar uma educação que não apenas reproduza o status quo, mas que questione, desestabilize e transforme as estruturas de poder e desigualdade.

3. Infância como presente ancestral: o autorretrato como retorno às raízes

Na afroperspectiva, a infância é entendida não apenas como uma fase cronológica, mas como uma forma de ser, existir e perceber o mundo — uma cosmopercepção. Nessa visão, o tempo da infância não projeta a criança como "adulto do futuro", mas como um elo com o passado ancestral, onde o presente é espaço de memória viva e afirmação identitária.

A técnica do autorretrato com crianças negras, nesse contexto, é um ato político e pedagógico. Ela permite que a criança observe seus traços e reconheça conexões com seus ancestrais, resgatando memórias e fortalecendo o pertencimento. Esse processo desconstrói valores eurocêtricos, combatendo o racismo estrutural presente no cotidiano escolar, como aponta Fanon, e promovendo uma autoimagem positiva.

Através do desenho, a criança se vê por outra ótica — não a da cultura dominante, mas por uma lógica cultural afrocêntrica que valoriza sentidos combinados e uma escuta sensível. Assim, o autorretrato se transforma em um instrumento de resgate da ancestralidade, produção de conhecimento e reconstrução identitária, ajudando a romper com o desejo de reconhecimento pela branquitude e reafirmando a dignidade negra.

Ao se desenhar, as crianças negras e pardas não apenas se representam, mas traz neste ato a potência para acessar uma "visão de mundo, audição de mundo, tato de mundo, paladar de mundo e sentidos de mundo" (Nogueira, Alves, 2020) distintos da lógica eurocêntrica. A valorização da imagem negra propicia uma resistência ao apagamento, o que pode propiciar reconexão com a ancestralidade.

Na cosmopercepção Bantu-Kongo, podemos pensar em várias noções de tempo, dentre as quais, *Ntangu*, *Tandu* e *Kolo* (Fu-Kiau, 2001). E nos ajudam a compreender a complexidade do tempo na perspectiva Bantu-Kongo. *Ntangu* se refere ao tempo imediato, o agora, enquanto "*Tandu*" abrange um período mais longo, um ciclo de vida. "*Kolo*", por sua vez, representa o tempo ancestral, a memória coletiva que reside em nós. Em outros termos,

O autorretrato, portanto, é um mergulho em "*Kolo*", um retorno às origens, uma reconexão com a ancestralidade que pulsa em cada criança negra. Ao se desenhar, a criança se torna um elo entre o passado, o presente e o futuro, reafirmando sua identidade e fortalecendo sua ancestralidade.

Em suma, o autorretrato transcende a mera representação visual, tornando-se um instrumento de construção da memória ancestral, um ato de resistência e um portal para a cosmopercepção africana da infância.

4. Para uma Educação Antirracista Infancializada

Além de atividade artística, trabalhar com autorretratos em sala de aula é um posicionamento ético, um convite estético-político para as crianças. Quando uma criança negra se desenha com orgulho, ela desfaz pedagogias coloniais, desafia o cânone branco e institui uma estética da existência.

Propomos:

- Formação docente em escuta não hierárquica: escutar o que as crianças dizem com o corpo, a cor, os olhos, os silêncios e as invenções. A escuta radical não é apenas auditiva, mas sensorial, simbólica e afetiva.
- Criação de espaços infancializantes: ambientes que reconheçam o direito de brincar como modo de pensar o mundo e de reencantar a realidade. Uma sala de aula que acolhe as cosmologias infantis é, por essência, insurgente.
- Integração entre arte, identidade e ancestralidade: autorretratos como documentos epistêmicos e gestos de reexistência, que conectam a infância negra a seus territórios simbólicos e memórias coletivas.

Para uma educação antirracista infancializada, não basta incluir conteúdos sobre a história afro-brasileira: é preciso refundar o currículo a partir da escuta das infâncias negras. Essa refundação exige romper com práticas eurocentradas que ainda definem o que deve ser aprendido, como e por quem. É necessário valorizar as formas de saber que emergem da corporeidade, da oralidade e do sentir.

Os autorretratos produzidos por crianças negras são mais do que registros gráficos – são mapas do mundo, cartografias afetivas de si, lugares onde a infância se inscreve com a força de quem se recusa ao apagamento. São também tecnologias de enunciação coletiva: ao desenhar-se, cada criança convoca outras, seus pares, seus ancestrais e seus sonhos.

Defendemos, portanto, que o autorretrato seja incorporado como metodologias nas escolas, com intencionalidade antirracista, acolhendo as dimensões simbólicas, culturais e estéticas das infâncias negras. A prática do autorretrato pode ser uma chave para pensar outras epistemologias visuais, outros modos de narrar e perceber o mundo – modos que recusam a linearidade do tempo ocidental, a neutralidade do olhar científico e a fragmentação dos corpos e saberes.

Infancializar a educação, nesse sentido, é subverter. É compreender que a infância é um tempo de potência política, filosófica e estética. É devolver à criança a centralidade que lhe foi negada por séculos de pedagogias disciplinadoras. É afirmar, com firmeza, que educar também é escutar mundos – com todos os sentidos despertos, com o coração atento, com o corpo comprometido.

Essa pedagogia da escuta e da imagem desafia o racismo estrutural ao descentralizar o olhar colonizador e abrir espaço para que outras narrativas, outros rostos e outras histórias sejam vistas, reconhecidas e celebradas. O autorretrato, nesse contexto, é arma e amparo. Ferramenta e afeto. Grito e canção.

Considerações Finais

Na cosmoaudição afroperspectivista, ouvir uma criança através do autorretrato é escutar um milagre: um milagre que se desenha com traços de resistência, cores da ancestralidade e formas de futuro. Quando uma menina negra se representa com seus cabelos crespos, ela não apenas desenha: ela conjura suas memórias, convoca suas matriarcas e reencanta a realidade. Quando um menino negro pinta sua pele com orgulho, ele refaz as narrativas que tentaram silenciá-lo e inscreve sua presença no mundo com dignidade e beleza.

O autorretrato, nesse sentido, se consolida como uma metodologia de escuta integral que mobiliza sentidos plurais – visão, tato, paladar, audição, olfato – em um corpo-sujeito atravessado por experiências sociais, históricas e ancestrais. Trata-se de uma escuta que exige do pesquisador a suspensão de hierarquias epistemológicas e a abertura para mundos outros, mundos onde a criança é sujeito, narrador e criador de sentidos.

Ao adotar a afroperspectividade como horizonte filosófico e metodológico, este artigo propõe uma infancialização da escuta e da pesquisa, no sentido de valorizar o tempo presente da criança como um tempo ancestral, criativo e insurgente. O autorretrato, nesse contexto, revela-se como tecnologia de reexistência, capaz de reconectar crianças negras às suas memórias coletivas, aos seus territórios simbólicos e às suas cosmologias de pertencimento.

Reivindica-se, assim, uma educação antirracista que reconheça o autorretrato não apenas como expressão artística, mas como ato político e caminho para a emancipação. Nesse processo, a infância deixa de ser silenciada e passa a ser escutada em sua potência criadora. Cabe às escolas, universidades e centros de pesquisa se abrirem para essas escutas e se transformarem, também, em territórios de reexistência.

Em tempos de violências simbólicas e institucionais, o autorretrato de uma criança negra é uma revolução em traços. E que possamos, como educadores,

pesquisadores e cuidadores, afinar nossa escuta para acolher esse gesto radical de existir e insistir: com cor, com corpo, com voz, com sonho e com memória viva.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **The afrocentric idea**. Philadelphia: Temple University, 1987.

BAZÍLIO, Luiz Cavaliere e KRAMER, Sônia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003 .

BRASIL, Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira**” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003, seção 1, p. 1.

CARDONA, Maria João. **Para a história da educação de infância em Portugal**: o discurso oficial, 1834-1990. Porto Editora, 1997.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CHEIKH, Anta Diop, The Cultural Unity of Negro Africa (Paris: Présence Africaine, 1963), versão em inglês: **The Cultural Unity of Black Africa**: The Domains of Patriarchy and of Matriarchy in Classical Antiquity (London: Karnak House: 1989), pp. 53–111.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FRANCISCO, da Silva Maiza. **As crianças que Sambam na Verde e Rosa**. 2025, 160 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e demandas populares. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (org.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

HOOKS, bell; BALBINO, Renata. **Pertencimento: Uma Cultura do Lugar**. Editora Elefante, 2022.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARTINS, Cristiane; CRUZ, Silvia Helena. Sob o olhar infantil: o conceito de criança na perspectiva da criança. In CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala, a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. Editora Perspectiva S/A, 2021.

MUNANGA, K. (2012). **Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?** *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 4(8), 06–14. Disponível em: Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246> . Acesso em: 02 fev. 202

NOGUEIRA, Renato. **Infância em afroperspectiva: articulação entre sankofa, ndaw e terrixistir**. *Revista Sul-africana de Filosofia e Educação*. Número 31: mai-out/2019, p. 53-70.

NOGUERA, Renato - **O PODER DA INFÂNCIA: espiritualidade e política em afroperspectiva. Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana. **Exu, a infância e o tempo: zonas de emergência de infância (ZEI)**. *Revista de Educação e cultura Contemporânea* | v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020. ISSN ONLINE: 2238-1279.

NUNES, Míghian Danae Ferreira; CUNHA, Sandra Mara da. **Etnografia e outras metodologias de pesquisa participativa com crianças: considerações a partir de um jogo de cartas**. *Cadernos cenpec* | São Paulo | v.8 | n.2 | p.134-152 | jul./dez. 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ . **La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Tradução Alessandro Molengo Gonzalez. Bogotá: La Fronteira, 2017.

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. **IMAGENS DE SI: O AUTORRETRATO COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51–73, 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In BENTO, Maria Aparecida Silva (org). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade aceert, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade . Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, pág. 9-34, 2004.

SCOTT, Jacqueline. Children as respondents: the challenge for quantitative methods, In: CHRISTENSEN, Pia and JAMES, Allison (edited by). **Research with Children: Perspectives and Practices**. London and New York: New Fetter Lane, 2000.

SILVA, Gustavo Pinto Alves. **Sim, eu sou pretinha, linda e bem princesa: identidade negra e relações étnico-raciais na Educação Infantil.** 2025. 244 f. Tese de Doutorado (Doutorado em educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e demandas populares. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

TRINDADE, Bianca Cristina da Silva. **O autorretrato na infância: protagonismo das crianças na educação antirracista.** 2025, 198 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e demandas populares. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.